

Editorial



Osvaldo Cabral
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

Um país sem rei nem roque

O profundo e grave desnorte que se vai vendo na governação nacional já tem reflexos nos Açores.

Pelo que se vai conhecendo nos bastidores da política, há imensos dossiês relativos às Regiões Autónomas, nos diversos ministérios em Lisboa, que parecem “esquecidos” nas gavetas do Terreiro do Paço.

Alguns deles são de extrema urgência para o bom funcionamento dos serviços do Estado nesta Região, nomeadamente a crónica falta de efectivos policiais em várias ilhas, onde algumas esquadras já estiveram em risco de fechar por falta de agentes.

O caso da ilha de Santa Maria terá sido um dos mais recentes, que só foi resolvido, segundo sabemos, com “boas vontades” e com a intervenção da Presidente da Câmara de Vila do Porto.

Pela voz de uma fonte sindical, o nosso jornal deu conta, esta semana, da enorme preocupação que reina entre os polícias de várias ilhas, especialmente em S. Miguel e Terceira, cada vez mais sobrecarregados com mais funções e mais burocracias, a que se junta a centralização de contratações, que dificultam ainda mais a actividade policial nesta região.

Os ministros da tutela que nos vão visitando trazem inúmeras promessas, mas quando regressam a Lisboa “esquecem-se” facilmente do que disseram e abandonam os serviços de que são responsáveis nestas ilhas.

Foi o caso do ministro que prometeu um reforço de agentes, que afinal foram destinados para o controlo fronteiriço, quando a percepção geral da população e das entidades oficiais desta região é que faltam polícias nas ruas, nomeadamente na baixa de Ponta Delgada, e nas esquadras concelhias, que até têm de fechar quando os agentes são chamados para problemas no exterior.

É imperioso que a Assembleia Regional e o Governo dos Açores voltem à carga junto da República, exigindo o cumprimento da Constituição, em matéria de segurança, na nossa região.

Do Representante da República nem se fala, cujo papel é de enfeitar salas de croquetes, já que os ministros nem lhe ligam, mas gostam de saber que há nas ilhas um fiscalizador do Império.

É o país e a governação que temos.

Uma República, como se vai assistindo por estes dias, sem rei nem roque.

Deportação

A sobrelotação da cadeia de Ponta Delgada obrigou a uma nova transferência de cerca de 40 reclusos para estabelecimentos prisionais do Continente, tal como tínhamos revelado há duas semanas.

É outra desconsideração da nossa República, que não quer saber da reinserção desta gente, misturada com outros reclusos mais violentos e longe da família.

Esta forma de actuar não tem nada a ver com Justiça e leva-nos a outros tempos de um regime e República madrastra, o da deportação.

Mais de meio século depois, voltamos à maior crueldade dos regimes, o que não é bom sinal.

Ponta Delgada entre os aeroportos portugueses com mais passageiros



Com um total de 4,49 milhões de passageiros embarcados e/ou desembarcados nos primeiros dois meses deste ano, o aeroporto de Lisboa situou-se 16% acima do período homólogo de 2019, pré-pandemia, e concentrou 62,2% do total de passageiros em aeroportos e aeródromos portugueses.

O cálculo é do PressTUR, que se baseou em dados divulgados pela Autoridade Nacional da Aviação Civil (ANAC), indicando que nos primeiros dois meses deste ano os aeroportos e aeródromos portugueses somaram 7,217 milhões de passageiros, com um aumento em 16% ou 997,2 mil em relação ao primeiro bimestre de 2019, pré-pandemia.

Os mesmos dados levam à conclusão que 16% foi também o aumento ocorrido em Lisboa, que soma este ano 4,492 milhões de passageiros, mais 619,2 mil que pré-pandemia.

Assim, Lisboa concentra 62,2% dos passageiros que passaram por aeroportos portugueses no primeiro bimestre, sensivelmente a mesma percentagem que no início de 2019, em que a sua quota era 0,02 pontos superior.

A seguir cotou-se o Porto, com 1,823 milhões de passageiros a que corresponde 11,4% do total do país, e seguem-se o Funchal, com 636,2 mil (8,8% do total), Faro, com 598,7 mil (8,3% do total), Ponta Delgada, com

246,3 mil (3,4% do total), e Terceira, com 110,8 mil (1,5% do total).

Relativamente ao primeiro bimestre de 2019, o crescimento mais forte deu-se no Funchal, com um aumento em 43,4%, seguido pela Terceira, com +22,9%, Ponta Delgada, com +18,2%, Porto, com +11,4%, e Faro, com +4,8%.

Em valor absoluto, o maior aumento foi também no Funchal, que teve mais 192,7 mil passageiros que pré-pandemia, seguindo-se o Porto, com mais 186,3 mil, Ponta Delgada, com mais 37,9 mil, Faro, com mais 276,4 mil, e Terceira, com mais 20,6 mil.

No mês de Fevereiro, em que, segundo a publicação da ANAC, os aeroportos portugueses tiveram um aumento de passageiros face a 2019, pré-pandemia, em 19% ou 569,8 mil, tendo um total de 3,569 milhões, 63% deles ou 2,249 milhões voaram de/para Lisboa, que teve um aumento em 18,8% ou 355,9 mil.

Os dados relativos aos restantes aeroportos indicam 927,8 mil passageiros no Porto, com aumento face a 2019 em 15,4% ou 123,8 mil, 329,5 mil em Faro, +7,5% ou mais 22,9 mil que em 2019, 322,5 mil no Funchal, +48,6% ou mais 105,4 mil que pré-pandemia, 121,7 mil em Ponta Delgada, com aumento em 22,8% ou 22,6 mil, e 51,8 mil na Terceira, +18,1% ou mais 7,9 mil que pré-pandemia.

Venda de carros em queda nos Açores

A venda de carros novos nos Açores continua em queda neste início do ano, registando uma diminuição de 280 para 263 viaturas vendidas no mês de Fevereiro, quando já se tinha verificado uma quebra em Janeiro, de 293 para 286.

No total dos dois primeiros meses do ano já foram vendidos 549 carros novos na região, quando no mesmo período do ano passado tinham sido 573.

As maiores diminuições verificam-se nos ligeiros de passageiros, mas também nas viaturas de mercadorias.

Foram menos 13 carros ligeiros de passageiros que se venderam até agora, enquanto que nos de mercadorias houve uma diminuição de 25 unidades.

Os pesados registam um aumento, quer no de passageiros, quer no de mercadorias, segundo os dados agora divulgados pelo Serviço Regional de Estatística dos Açores.